

Resenha

FUTEBOL NO BRASIL: VENENO E REMÉDIO

Título	Futebol no Brasil: veneno e remédio
Autor	José Miguel Wisnik
Cidade	São Paulo
Editora	Companhia das Letras
Ano	2008

Nos últimos anos, o futebol tem sido tema de publicações e pesquisas de diferentes campos acadêmicos e profissionais cujo enfoque deslocou-se das publicações técnicas para assinalar esse tema como pertinente ao campo das ciências sociais e humanas. Entre as mais recentes obras desse gênero, *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik, talvez seja aquela que recebeu maior atenção por parte da mídia no ano de 2008. Revistas esportivas (*Placar*¹ e *Invicto*²), jornais de grande circulação nacional (*Folha de S.Paulo*) e até mesmo programas de TV (*Roda Viva*³, da TV Cultura), noticiaram o seu lançamento conferindo-lhe um status não tão comum a obras que fazem do futebol seu tema principal.

Não podemos ignorar que tamanha evidência midiática talvez se deva muito mais à figura de seu autor do que a um suposto reconhecimento da relevância dessa área de estudo. José Miguel Wisnik, como se costuma dizer na gíria do futebol, é um sujeito "polivalente". Professor de literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP), escritor, ensaísta, intérprete, músico e compositor, é conhecido não apenas pela sua produção acadêmica, mas também por carreira musical que o coloca como titular de um time de primeira grandeza dentro do cenário nacional⁴.

-
1. Papo-cabeça. *Placar*, São Paulo: Ed. Abril, n. 1312, p. 38, ago. 2008.
 2. Uma explicação do Brasil. *Invicto*, São Paulo: Ed. Espera BR Mídia, n. 9, p. 18, set./out. 2008.
 3. Programa exibido em 23 de junho de 2008.
 4. Autor de *Sem receita- ensaios e canções* (2004), *Livro de partituras* (2004), *O som e o sentido – uma outra história das músicas* (1989) e *O coro dos contrários: a música*

Tal espaço designado pela mídia à obra acabou por despertar nossa curiosidade em percorrer suas 446 páginas tão logo *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil* foi exibido nas prateleiras das livrarias. Da sua leitura emergiram algumas inquietações, dada a extensão e a densidade da obra cujo desdobramento tem inserido o futebol em campos acadêmicos outrora pouco atentos a esse tema⁵.

O livro é dividido em quatro partes. Na primeira delas, o autor expõe suas principais motivações, alguns dos pressupostos teóricos que balizam suas reflexões e, também, sua relação sentimental com o tema. Torcedor do Santos Futebol Clube e testemunha ocular de uma das maiores equipes de futebol de todos os tempos (o Santos dos anos de 1960), Wisnik parte da ideia do futebol como uma linguagem capaz de expressar, como nenhum outro esporte, diferentes sintaxes, narrativas e estilos.

Todavia, ainda que o título “Preliminares” possa dar a impressão de que esse capítulo antecede o conteúdo principal do livro (assim como uma partida preliminar acontece antes da partida principal), o autor não deixa de trazer pelo menos duas ideias bastante controversas. A primeira refere-se à existência de um suposto desencontro entre os que vivem esse esporte como uma paixão e aqueles que o estudam. Ou seja, na opinião de Wisnik, o público frequentador das arquibancadas não estaria interessado em ler sobre o futebol, ao mesmo tempo em que aos estudiosos faltaria o entusiasmo por esse esporte.

Infelizmente, o texto não deixa claro quais os elementos utilizados pelo autor para chegar a tal conclusão. Todavia, o fato de o torcedor brasileiro não ser um grande entusiasta de livros sobre futebol nos parece estar muito mais ligado ao baixo interesse do brasileiro em geral pela leitura do que a qualquer característica própria dessa população específica. Além disso, nossa convivência com pesquisadores da área (boa parte deles torcedores interessados) também não nos permite concordar com a segunda parte do argumento. Dessa forma, somos levados a crer que

em torno da semana de 22 (1977), além de participar dos livros coletivos *Os sentidos da paixão*, *O olhar e ética* (Companhia das Letras, 1987, 1988 e 1992). Possui três discos gravados: *José Miguel Wisnik* (2000), *São Paulo Rio* (2002) e *Pérola aos Poucos* (2003) e além de três outros resultantes da trilha sonora de três espetáculos do grupo Corpo, a saber: *Nazareth* (1993), *Parabelo* (em parceria com Tom Zé, 1997) e *Onçotô* (em parceria com Caetano Veloso, 2005).

5. Wisnik publicou o artigo “Brazilianischer Fussball” na revista *Lettre International* (Berlim, 2007) e “The Riddle of Brazilian Soccer: reflections on the emancipatory dimensions culture”, na *Review of Literature and Arts of Americas* (New York, 2006).

essa afirmação se baseia muito mais em um duplo preconceito, contra os aficionados pelo futebol e contra o universo acadêmico, do que em qualquer outra fonte aceitável.

A segunda ideia polêmica trazida pelo autor, ainda nas "Preliminares", é a de que a maioria das publicações sobre futebol ignora a própria razão de ser do jogo. Para ele, os estudos nessa área tenderiam a ver apenas as relações políticas, empresariais, ou outros tipos de conflitos catalisados pelo futebol, esquecendo-se do futebol *em si*, de sua natureza singular. Essa percepção leva-o a propor a utilização de procedimentos da crítica de arte como forma de interpretá-lo "por dentro", a partir de seus elementos estéticos. Como esse entendimento faz parte do argumento central da obra, pautando suas pretensões, deixamos para analisá-lo mais adiante.

O segundo capítulo do livro, "A quadratura do circo: a invenção do futebol", é dedicado a uma espécie de apreciação histórica no qual o autor desenvolve um exame do caminho percorrido por esse esporte desde os jogos e rituais que o precederam até a sua configuração atual, midiática, espetacularizada e empresarial. Analisando as mudanças ocorridas em vários elementos ligados à sua prática, Wisnik descreve a trajetória do futebol como a passagem de um contexto sagrado, mágico, rumo à racionalização característica da modernidade.

Exemplo disso, a bola, que antes era "leguminosa e visceral, feita de couro explícito (cujo cheiro recendia), encordoada e eventualmente irregular", tornou-se "branca, hermética, sintática e sintética, [...] impermeável, concluída, laboratorial" (p. 63). Perdeu, assim, sua ligação com a terra e com toda transcendência ligada a ela, para se tornar neutra e precisa. Da mesma forma, alterações no campo de jogo, nas regras, nos esquemas táticos, na arbitragem, entre outros, também apontariam para essa tendência de dessacralização do futebol, em prol de uma maior objetividade, exatidão.

Entretanto, o autor destaca que o que diferencia o futebol é justamente a não completude desse processo de racionalização. Mais do que em qualquer outro esporte, nele persistiriam elementos não-contabilizáveis, impossíveis de serem resumidos em estatísticas, que o permitiria abrigar combinações raras de finalismo e gratuidade, de lógica e acaso, de momentos "vazios" de acontecimentos e de máxima excitação.

Tamanha ambiguidade, além de manter viva certa afinidade com os ritos, seria responsável ainda por dar ao futebol uma grande margem de contingência, uma ampla gama de ações e desfechos possíveis, que faz dele um espaço propício para o aparecimento de diferentes estilos de jogo.

Valendo-se das ideias de um ensaio de Pier Paolo Pasolini⁶, o autor traça analogias entre os gêneros literários (prosa e poesia) e a forma como se joga em diferentes países, e conclui que o futebol é uma linguagem que comporta diversas narrativas, “um ‘diálogo’, polêmico e plural, corporal, não-verbal, onde valem prosa e poesia, leveza e força, argumento e parábola silogismo e elipse” (p. 120).

Dentro dessa analogia, cabe ao futebol brasileiro, e sua vocação para o drible, para a jogada gratuita e inesperada, o papel da poesia. E é justamente esse o tema que aborda no capítulo “A elipse: o futebol brasileiro”, no qual procura mostrar que, se a invenção do esporte bretão significou o enquadramento de rituais lúdicos e sagrados a uma lógica competitiva, racional e objetiva, sua adoção em terras tupiniquins seguiu características próprias, omitindo noções ligadas à responsabilidade e à obrigação, numa espécie de eclipse dessa quadratura.

Assim, a terceira parte do livro dedica-se a analisar essa apropriação singular do futebol pelo brasileiro, buscando ver nela marcas representativas de uma cultura nacional, traços reveladores de uma experiência coletiva brasileira. Para isso, o autor promove encontros instigantes entre música, futebol e literatura. Personagens como Garrincha e Macunaíma, Ademir da Guia e João Gilberto, Friedenreich e Machado de Assis, entre outros, “tabelam” entre si, expondo dilemas e peculiaridades de nossa formação social.

Por fim, na última parte do livro, “Bola ao alto: interpretações do Brasil”, o autor busca ampliar o foco de suas análises, confrontando as questões suscitadas no capítulo anterior ao pensamento de três dos mais importantes sociólogos brasileiros: Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

O que surge desses cruzamentos é o retrato de uma sociedade com aversão à formalidade e ao compromisso, que se traduz em certa inclinação ao brinqueado. Uma sociedade que possui uma surpreendente capacidade inventiva, com uma espécie de prontidão para improvisação, mas que, todavia, só é capaz de mobilizá-la em atividades que lhe sejam voluntárias, que lhe proporcionem prazer e gozo. Assim, não deixa de ser significativo o “fato de que o Brasil se faz reconhecer, mundialmente, pela produção de uma espécie de tecnologia de ponta do ócio, do qual a música e o futebol são os sinais mais evidentes e refinados” (p. 181).

Nesse contexto, o futebol assumiria uma posição ambivalente. Serviria como uma fuga da realidade, se não fosse, muitas vezes, a própria

6. *Il calcio 'è' un linguaggio con i suoi e prosatori*. Il Giorno, 3 jan. 1971.

realidade, um cenário privilegiado onde a experiência brasileira atinge sua plenitude. Oscila, portanto, entre a panaceia e o engodo. É, ao mesmo tempo, o esboço de uma civilização original, vitoriosa e encantadora, e o símbolo maior do nosso fracasso em sê-la. É como o “Veneno-remédio” da sociedade brasileira, que contém em si próprio nosso antídoto e nosso mal.

Rejeitando os dualismos simplistas, que tendem a classificar as coisas entre dois opostos bem definidos, como “a perfeição final do homem”, ou apenas “as primeiras verduras”, para usar a citação que o autor faz de Machado de Assis, Wisnik vai empenhar-se em mostrar o futebol como uma linguagem não-verbal em que nossas forças e fraquezas mais profundas se manifestam. Uma via de análise interessante que, para o bem e para o mal, tem muito a dizer sobre o Brasil.

Sem cairmos também nesse “tudo ou nada”, concluímos que *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* traz importantes contribuições ao campo da educação física e dos estudos do futebol. Ao propor a análise desse fenômeno, e de sua importância em nossa sociedade, utilizando-se de pressupostos da crítica de arte, o autor inova, e abre uma nova perspectiva de pesquisas para área. Porém, retomando a questão que havia ficado suspensa no princípio desta resenha, a afirmativa de que essa seria a única maneira de examinar esse fenômeno “desde dentro”, sem ignorar sua “razão de ser”, nos parece exageradamente presunçosa. Inclusive porque, ao analisar o futebol no Brasil, ele mesmo deixa de lado perspectivas que são fundamentais para a sua compreensão, como por exemplo a participação das mulheres nesse esporte. Wisnik toma o futebol como algo próprio dos homens e ao silenciar sobre o futebol feminino ou, ainda, sobre a participação das mulheres nas distintas possibilidades que circulam ao seu entorno, o faz consoante os discursos hegemônicos que circulam sobre o esporte no país e que, praticamente, ignoram que essa prática esportiva compunha também o universo esportivo das mulheres, desde as décadas iniciais do século XX⁷.

Como fenômeno complexo e multifacetado que é, o futebol não pode ser compreendido por um único viés. Se é verdade que há nele certos elementos estéticos que o aproximam das artes, também é verdade que há muito de luta, de violência, de política, de negócios, enfim, de tudo aquilo que o autor trata como entorno, mas que consideramos parte do próprio futebol.

7. Sobre esse tema ler Goellner (2005).

Ainda que densa e interessante, *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil* merece ser lido dadas as fecundas aproximações que, em certos momentos, o autor faz entre o esporte e a arte. Aqui reside a beleza e a densidade da obra que, em última instância, reafirma de novo e de outro modo a tese amplamente aceita de que o futebol integra a identidade nacional.

REFERÊNCIAS

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

WISNIK, J. M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Renato Machado Saldanha

Mestrando em ciências do movimento humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul
E-mail: vandruik@ig.com.br

Silvana Vilodre Goellner

Professora associada do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Bolsista Produtividade Pesquisa – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
E-mail: goellner@terra.com.br

Recebido: 21 jan. 2009

Aprovado: 30 abr. 2009

Endereço para correspondência

Renato Saldanha
Centro de Memória do Esporte, Escola de Educação Física,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Felizardo, 750
Porto Alegre-RS
CEP 90690-200